

## TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) APLICADAS À APRENDIZAGEM: PRODUÇÃO E PUBLICAÇÃO DE VÍDEO COMO ESTRATÉGIAS DE PROTAGONISMO DISCENTE

Neide Domingues da Silva  
neidedomingues@yahoo.com.br

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4281416T3>

### RESUMO

Recursos tecnológicos e ferramentas virtuais permitem metodologias didático-pedagógicas que podem favorecer a aprendizagem discente. Nesse contexto, o vídeo é um formato de arquivo bastante disseminado na internet, meio de comunicação cada vez mais utilizado no Brasil. A partir desse pressuposto, defende-se, nesse artigo, a postagem, na internet, de vídeos produzidos em sala de aula a partir de conteúdos programáticos. O relato de experiência, constante no final desta reflexão, diz respeito ao componente curricular Língua Portuguesa, em nível Fundamental, entretanto, podem-se estabelecer analogias com outros componentes curriculares e outros níveis de ensino haja vista que a aquisição de conhecimentos sempre pode ser prazerosa, independente da área epistemológica a que pertença.

**Palavras-chave:** Recursos didático-metodológicos; Tecnologias de Informação e Comunicação; Vídeo, Aprendizagem

### 1. INCLUSÃO DIGITAL, NA ESCOLA, INCLUSIVE

Houve um tempo em que o conhecimento era registrado em pedras. É verdade que um pouco de “primitivo” permanece no homem hodierno, que escreve na areia ou no tronco de uma árvore. Mas, em acréscimo a esse potencial “selvagem” de quem aprendeu a se comunicar sem um protótipo a ser seguido, foram criados, em princípio, os meios de comunicação visuais, auditivos e audiovisuais. No futuro, quem sabe, também sejam olfativos, gustativos e táteis, pois “conhecimento não é mais do que sensação” (PLATÃO, p.32). Livro, jornal, revista, telefone, rádio, cinema, televisão, internet, satélite. A comunicação humana a distância reformata-se, constantemente, a partir da criação de novos suportes tecnológicos.

Nossos ancestrais, em Uruk (atualmente Warka, no sul do Iraque), aproximadamente, seis mil anos atrás, percebendo a necessidade da escrita, registravam “listas de cereais e cabeças de gado em plaquetas de barro” (HORCADES, p. 16). A partir

da ascensão do racionalismo, na Idade Moderna, grandes homens contribuíram para o desenvolvimento da comunicação humana até o estágio em que se encontra hoje: o alemão Johannes Gutenberg, em 1440, inventou a imprensa; o escocês Alexander Graham Bell, em 1876, inventou o telefone; o italiano Guglielmo Marconi, em 1894, inventou o rádio; os franceses Auguste e Louis Lumière, em 1895, inventaram o cinema; o russo Vladimir Zworykin, em 1923, inventou a televisão; o inglês Tim Berners-Lee, em 1990, inventou a internet. É claro que outros milhares de nomes poderiam ser mencionados em um universo de pessoas bastante “comunicativas”, mas nos restringiremos a essas citações apenas a fim de reconhecer um *continuum* de mudança no que concerne a esse tema.

Especificamente, acerca da internet, o ambiente virtual potencializou a comunicação humana de tal forma que as noções de tempo e espaço foram totalmente restabelecidas no imaginário coletivo: mensagens instantâneas (texto, voz, imagem, vídeo) podem ser enviadas a partir dos mais diversos dispositivos, entre eles, celulares, tablets, notebooks, computadores, do ocidente para o oriente e vice-versa. A internet hoje é um suporte que permite a comunicação nos mais diversos âmbitos: pessoal, profissional, comercial, escolar. Vamos nos ater à dimensão escolar, especificamente, à segunda fase do Ensino Fundamental, foco desta reflexão. O nível escolar mencionado compreende, na atual legislação, quatro anos de ensino (do 6º ao 9º ano), fase que, normalmente, corresponde à faixa etária dos 11 aos 14 anos.

Assim, abordaremos o uso de suportes virtuais como recursos didáticos para a aprendizagem escolar adolescente. Nessa fase, é raro um aluno que não faça uso de um celular, por exemplo, muitas vezes, com acesso à internet. Assim, a publicação e compartilhamento de informações no ciberespaço é uma realidade implementada entre os nativos digitais. Nesse contexto, o professor tem de fazer uma escolha metodológica: permanecer no ostracismo anacrônico de quem quase fala num outro idioma, restrito a quadro-negro (que nem é mais negro: existem lousas digitais, que são brancas) e giz ou ceder a novas estratégias, que incluem ferramentas tecnológicas presenciais como um data show ou não presenciais como um blog, que pode ser acessado fora da sala de aula.

Nesse contexto, a inclusão digital do professor é fundamental para que seja possível a utilização de recursos midiáticos em sala de aula. Acerca disso, pode-se afirmar que:

A exclusão tecnológica do professor representa uma debilidade na sua formação, que deve ser corrigida com cursos que os habilitem a utilizar a tecnologia no seu cotidiano. A exclusão digital do professor é um complicador para a construção de uma sociedade mais equitativa e cidadã. (OLIVEIRA, 2006, p.15)

O jovem contemporâneo, mergulhado na cibercultura<sup>1</sup>, sente-se entediado com a escola diante de tantas opções de entretenimento tecnológico de que dispõe fora dela. Assim, cabe a nós professores dinamizar nossas aulas o mais possível de modo a torná-las atraentes, interessantes. Isso, certamente, é favorecido por meio do uso de recursos midiáticos. Na visão de Oliveira (2006, p. 13), “a escola deve integrar as TIC para melhorar a qualidade do ensino-aprendizagem, reconhecendo que elas trazem inovações metodológicas que despertam maior interesse dos alunos em aprender”. Com o advento da internet, os conceitos de comunicação e de aprendizagem reconfiguram-se de modo que já não haja como fontes informativas apenas o professor ou a “Enciclopédia Barsa” em 18 volumes.

Na Rede Mundial de Computadores, disseminam-se textos e mais textos, dos mais diversos campos do conhecimento e da especulação. Entre o “postar”, o “curtir e o “compartilhar” vão se modelando e se remodelando não apenas conhecimentos; mas, sobretudo comportamentos, ideologias, “verdades” disseminadas instantaneamente. Nesse ponto, compete aos pais e professores orientar os adolescentes no sentido de que o saber exige um rigor científico respaldado, ou seja, não se pode internalizar como “verdade” qualquer informação coletada na internet. É preciso averiguar as fontes, sua confiabilidade e reconhecimento social. Hoje todos nós, de posse de uma câmera fotográfica e/ou um gravador, somos um pouco jornalistas, escritores, fofoqueiros. A difusão de conteúdos científicos, literários, folclóricos, entre outros, ocorre mais

---

1 “[...]cultura que inter-relaciona informação, comunicação e tecnologia, gerada por meio de softwares especiais, pela interligação dos computadores e pelos dispositivos de comunicação – oportunizando a desmaterialização espacial e corporal por meio da possibilidade de participar de espaços virtualizados, do instantaneísmo, das relações sociais e da troca de conhecimentos.” (ROESLER, 2007, p.179)

rapidamente do que possam ser metabolizados, filtrados, selecionados. Desse modo, a noção de aprendizagem inclui não apenas a obtenção de informações; mas, sobretudo, o questionamento acerca do que se deve assimilar, por que meios e com que garantias.

O mundo do trabalho não espera profissionais recipientes de informações e conhecimentos. Os jovens precisam ser treinados a selecionar ideias pertinentes, pontos de vista relevantes, decisões autênticas, processadas a partir de autorreflexões, não decorrentes de mera repetição de estereótipos, disseminados pelo senso comum. Nesse aspecto, a escola tem um papel fundamental que, além de informar, inclui formar, numa modalidade holística, em que o homem amplia sua cosmovisão conforme interesses coletivos, menos partidários ou individualistas. O discente de 11 a 14 anos, faixa etária considerada nesse estudo, na maioria das vezes, ainda não possui um projeto de vida definido, porém, independentemente de suas escolhas pessoais e profissionais, ele deve ser orientado a exercer o senso crítico em seus posicionamentos de modo que não se fundamente em falácias, ingenuamente internalizadas a partir de fontes virtuais não confiáveis para respaldar suas opiniões e atitudes.

Segundo Palloff e Pratt (2002), no ciberespaço configuram-se Comunidades Virtuais de Aprendizagem (CVA), as quais Martín-Barbero (1999) chama de “ecossistema comunicativo”. Nesses ambientes virtuais, comunga-se um “espírito de comunidade” que pressupõe afinidades de interesses e representatividade cultural. Nesse contexto, se o professor quer realmente interagir com seus alunos, ele precisa não apenas participar das CVA deles, como também incluí-los em CVA não adolescentes, compostas por professores, por exemplo. Desse modo, instaura-se um processo de aprendizagem de mão-dupla: *grosso modo* o professor “aprende” nas CVA dos alunos e o aluno “aprende” nas CVA dos professores. De tal forma, o docente adquire informações, linguagens peculiares, que lhes serão úteis para o exercício docente tanto na dimensão virtual quanto real. Além disso, o professor pode, gradativamente, incluir, no ideário adolescente, juízos de valor que ele desconhece como a apreciação da literatura ou da música clássicas.

## 2. RECURSOS DIDÁTICO-METODOLÓGICOS VIRTUAIS

Quantos alunos estão “offline” em sala de aula? Muitos. Uns até com olhos abertos, absortos em pensamentos que nem se aproximam dos esperados pelo professor. Por que isso? Essa pergunta, muitas vezes, frustra o docente, que não consegue capturar a atenção de seus alunos, no intuito de “ensinar-lhes” algum conhecimento, de relevância pré-estabelecida em documentos federais, tais como, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e o Plano Nacional da Educação (PNE). Resultados insatisfatórios em avaliações institucionais como a Prova Brasil, o ENEM e o PISA corroboram a necessidade de que sejam revistos os modos de aprender porque, na verdade, ninguém ensina ninguém. A aprendizagem é um processo intrínseco desencadeado por motivações também intrínsecas. O papel do professor na educação escolar, então, não é de ensinar o conhecimento, mas de estimular a aprender, ou seja, a principal função docente no mundo contemporâneo é a de propor estratégias, métodos, técnicas de aprendizagem, maneiras de aprender a aprender.

Para Paulo Freire (1981, p.79), “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” Por esse pressuposto, podemos considerar que a aprendizagem decorre de um processo particular desencadeado a partir de motivações pessoais. Entretanto, ao mesmo tempo que “ninguém educa ninguém”, paradoxalmente, “ninguém se educa a si mesmo”. Desse modo, cabe ao professor mediatizar o acesso a conhecimentos por meio de estímulos audiovisuais, entre eles, filmes, músicas, imagens. Em “mediatizados pelo mundo”, Freire inclui o professor e o espaço escolar como facilitadores de aprendizagem.

Nesse contexto, o aluno não pode ser visto como um ser estereotipadamente “sem luz”. Todo aprendiz já possui competências e habilidades antes do ingresso na escola, portanto não é uma “folha em branco” a ser preenchida pelo professor. Os discentes devem ser incentivados, a partir de uma postura ativa, a construir valores, ideologias, conhecimentos. Nesse artigo, pretende-se reconhecer os recursos midiáticos como facilitadores do processo de aprendizagem, a partir do sociointeracionismo, teoria por meio da qual se considera que as relações sociais sejam relevantes para a aquisição de saberes.

## 2.1 VÍDEO

A produção de um vídeo com a participação dos alunos pode ser bem eficiente no sentido de transmitir ou revisar um conteúdo. A filmagem e a edição do vídeo podem ser feitas por profissionais, pelo professor ou pelos alunos. Em relação a isso, Seabra (2010, p. 8) afirma que “o projeto pode ser um trabalho individual ou em grupo, uma ficção desenvolvida a partir de um roteiro feito pelos alunos ou um documentário com tema e objetivos bem definidos.” Assim, os vídeos podem ser de natureza literária (com base em contos, teatros, poemas) ou científica (fundamentados em pesquisas) entre outras. Por exemplo, com seus celulares, os alunos podem fazer um vídeo de cunho artístico com apresentações musicais para valorizar os “talentos da escola” ou um vídeo de caráter mais científico sobre o bairro onde moram, registrar entrevistas, coletar queixas dos moradores.

Acrescente-se que “além de filmar, é muito importante a edição, a seleção de cenas, a trilha sonora ou narração, a colocação de letreiros ou legendas” (SEABRA, 2010, p. 8). O autor sequencia alguns passos básicos para a produção de um vídeo para fins escolares: (i) definição de projeto; (ii) roteiro; (iii) seleção de equipamentos e locais; (iv) filmagem; (v) edição de áudio e vídeo. Seabra esclarece que existem softwares apropriados para edição de vídeo, entre eles, o Windows Movie Maker e o Video Spin, que também permitem excluir ou ordenar, inserir legendas, créditos, trilha sonora, preferencialmente livre, que não envolvem direitos autorais. Depois de pronto, o vídeo pode ser postado em um site como o Youtube, que permite a interação por meio do “curtir”, “compartilhar” e “comentar”.

## 3. UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho na Escola Municipal Alfredo Jacomossi, em Anápolis, Goiás com três turmas de 6º ano do Ensino Fundamental. Durante o 1º semestre deste ano, desenvolvi, com os discentes mencionados, as Olimpíadas de Língua Portuguesa – Escrevendo o Futuro (Edição 2014), concurso de redações em que os sextos anos participam com poemas fundamentados no tema “O lugar onde vivo”. Reservei uma aula semanal para

desenvolver esse projeto de leitura e redação, sendo que, conforme o regulamento, um único poema deveria representar a escola nas próximas três fases: municipal, estadual e nacional. Assim, independentemente do resultado final, planejei, em média, 20 aulas para desenvolver em meus alunos a sensibilidade necessária para expressar em palavras, preferencialmente conotativas, seu afeto por Anápolis.

No primeiro bimestre, lemos e interpretamos alguns dos textos vencedores nessa categoria, selecionados em outras edições das olimpíadas. A partir dessas leituras, observamos os recursos formais e estilísticos que configuram o gênero em questão. Além desse estudo metalinguístico sobre poemas, filmei alguns alunos declamando os poemas que escolheram dentre os lidos. Nessa oportunidade, apesar do pouco material tecnológico disponível, observei a importância do protagonismo<sup>2</sup> discente, ou seja, do posicionamento ativo do aluno, que participa, inventa, verbaliza, transforma, expressa. Os poemas declamados não foram de autoria dos alunos; mas, no vídeo produzido a partir dessas declamações, podemos perceber a necessidade de que crianças e adolescentes sejam oportunizados a se sentirem “artistas” de modo a superar seus medos, suas introversões, seus complexos, sentimentos adversos em relação à autoestima, à realização pessoal, até mesmo à formação do caráter, que decorrem, em parte, do reconhecimento social.

Durante as filmagens, a cada “falha” ou “nova tentativa”, percebíamos, por extensão de raciocínio, que a vida é isso: um sempre recomeçar, retentar, refazer, pois, nada está tão bom que não possa ser aperfeiçoado. Aproveitamos para valorizar uma política antibullying na escola, pois os “micos” foram encarados de forma bem-humorada, sem humilhações ou constrangimentos. O vídeo, editado domesticamente, postado no Youtube na página <<http://www.youtube.com/watch?v=KV7irmI0fho&feature=youtu.be&a>> e compartilhado no Facebook e no Twitter, representa não apenas uma fase do Projeto

---

2 “Para que estas tecnologias sejam significativas, não bastas que os alunos simplesmente acessem as informações: eles precisam ter a habilidade e o desejo de utilizá-las, saber relacioná-las, sintetizá-las, analisá-las e avaliá-las – quando os alunos se esforçam para ir além de respostas simples, quando desafiam ideias e conclusões, quando procuram unir eventos não relacionados dentro de um entendimento coerente do mundo.” (SEABRA, 2010, p. 24)

Olimpíadas, mas também uma prova de que é possível usar ferramentas tecnológicas e digitais para a aprendizagem discente.

No segundo bimestre, fizemos leituras históricas, literárias e científicas sobre a cidade de Anápolis, natal para muitos de meus alunos, a fim de constituir um imaginário coletivo que pudesse estar acessível nas memórias deles durante a última fase do projeto: a produção de um poema sobre “o lugar onde vivo”. Em relação ao gênero, deixei claro que a rima é um atributo opcional e que a métrica pode ser regular ou irregular. Assim, internalizaram conceitos ligados a poética: versos brancos e livres. Pedi que observassem a extensão dos poemas vencedores lidos no início do projeto, assim concordaram com que os textos produzidos por eles tivessem, no mínimo, trinta versos, distribuídos em quantas estrofes quisessem. Em relação ao tema, esclareci que poderiam fazer uma macrorreferência da cidade ou uma microrreferência do bairro ou da rua. Expliquei-lhes o conceito de eu-lírico, dando-lhes a opção de usar a primeira ou a terceira pessoa discursiva. Acho que compreenderam a diferença entre autor e eu-lírico, pois houve casos em que o sexo do(a) autor(a) diferiu do sexo do eu-lírico.

Durante a leitura que fiz dos quase cem poemas produzidos por meus alunos, percebi o quanto eles alcançaram a subjetivação discursiva, atributo fundamental em um poema. Alguns escolheram como eu-lírico entidades não humanas, como eu havia sugerido. Ouvi córregos, ouvi antas, ouvi becos... Digo “ouvi” porque, para mim, quando se lê um texto, é preciso dar-lhe voz e dar-se ouvidos. Após a leitura dessa centena de poemas, selecionei cinco, que se destacaram a partir dos critérios anteriormente estabelecidos. Então, convidei três funcionárias da escola para constituírem uma banca examinadora. Reuni os finalistas das três categorias das quais a escola em questão está participando: poemas, memórias literárias, crônicas. Cada autor(a)-protagonista leu seu texto no palco do galpão, que eu gosto de chamar de “auditório”, quase numa síndrome de Peter Pan, que vê tudo com olhos melhores do que realmente são.

Foi um evento simples e emocionante! Vê-los(as) materializar na fala, na leitura oralizada, os seus próprios poemas foi incrível! Para um professor realmente vocacionado, nada satisfaz mais do que realizar um projeto que agrade não apenas a si (muitas vezes nem a si); mas, sobretudo, que entusiasme seus alunos, pois o principal

objetivo da educação escolar, em todos os níveis, é fazer com os conhecimentos sejam efetivamente adquiridos pelos discentes. E isso só será possível se os saberes forem interessantes, atraentes, irresistíveis... Assim, naturalmente, a absorção, a assimilação, o entranhamento de qualquer conteúdo curricular acontece de modo lúdico, serotoninico, hedônico. O poema selecionado para a fase municipal não pode ser divulgado nesse relato de experiência haja vista que o concurso estará em andamento até 01 de dezembro de 2014, quando ocorrerão “premiação e festa” (Vide cronograma disponível em <[https://www.escrevendoofuturo.org.br/index.php?option=com\\_olimpiada&task=calendarioTudo](https://www.escrevendoofuturo.org.br/index.php?option=com_olimpiada&task=calendarioTudo)> ). Para mim, meus alunos já são vencedores. Gosto de pensar com otimismo para estimular-lhes o apoderamento de um ideal de existência significativa, a edificação de um projeto de vida em que se realizam tanto pessoalmente, quanto profissionalmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, o uso de recursos tecnológicos e digitais com fins pedagógicos representa uma pequena parcela do projeto “Olimpíadas de Língua Portuguesa” – edição 2014 ora descrito. A maior parte dos recursos utilizados são inegavelmente humanos: paredes, carteiras, livros, cadernos, canetas, computadores, câmeras constituem o corpo de uma escola; a alma desse prédio está nas pessoas (alunos, professores e demais funcionários que vivificam cada dia letivo, ativo, altivo). Assim concordo com que:

Esse uso do computador exige um professor preparado, dinâmico e investigativo, pois as perguntas e situações que surgem na classe fogem do controle pré-estabelecido do currículo. Esta é a parte mais difícil desta tecnologia. E este é o papel insubstituível do professor: elaborar estratégias que deem significado a essa enorme e fantástica porta que se abre para o universo do conhecimento da humanidade. Sem isso, a internet, equipamentos e software podem apenas ser modismos adestradores de um mercado consumidor, perdendo-se a oportunidade de promover uma efetiva mudança na área do ensino. (SEABRA, 2010, p.24)

O professor, consciente desse seu papel de mediação entre a informação e o conhecimento, precisa se conscientizar da necessidade da formação continuada, da atualização didático-metodológica. Assim como um médico vai a congressos para

conhecer novas enfermidades ou novos tratamentos para velhas enfermidades, o professor também precisa participar de congressos, seminários, simpósios para aprender a lidar com as mudanças de paradigmas sociais e dos modos de aprender decorrentes, em grande parte, da invenção do computador e da internet.

Convém que os docentes publiquem suas experiências em sala de aula para que outros docentes, em marasmo, se animem com essa profissão tão fantástica em que, na verdade, não se ensinam, não se transmitem, passivamente, conhecimentos, se estimulam desejos, métodos de aprender a aprender, se incentiva a autoconfiança de poder mudar o mundo, o seu mundo interior e também a realidade circundante. O falso estereótipo de que a docência é um subemprego precisa ser superado. Convém que a educação escolar seja levada a sério no Brasil, não apenas pelo poder público, mas também pelos professores, orgulhosos do papel extremamente relevante que desempenham na sociedade.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9 ed., Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1981.

HORCADES, Carlos Melin. **A evolução da escrita**. 2. ed. R: SENAC RIO, 2007. v. 1. 152p .

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Novos regimes de visualidade e descentralizações culturais. In: PAULA, Vera M. P. et al. (org.). **Mediatamente: televisão, cultura e educação**. Brasília: MEC/SEED, 1999.

OLIVEIRA, Aristóteles da Silva. Inclusão Digital. In: MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. (Org.). **Experiências com tecnologias de informação e comunicação na educação**. 1ed. Maceió: EDUFAL, 2006, p. 11-21.

PLATÃO. **Diálogos**: Teeteto – Crátilo. Belém, UFPA, 1973. Trad. de Carlos Alberto Nunes.

PRATT, Keith; Palloff, Rena M. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço**: Estratégias para a sala de aula on-line. Tradução de Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROESLER, Jucimara. Cibercultura, comunicação e educação on-line. In: ESCOSTEGUY, A.C.D; GUTFREIND, C.F. (Org.). **Leituras em Comunicação, Cultura e Tecnologia**. 1ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, v. 1, p. 177-195.

SEABRA, Carlos. **Tecnologias na escola**. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010. Disponível em: <[https://www.institutoclaro.org.br/banco\\_arquivos/Cartilha.pdf](https://www.institutoclaro.org.br/banco_arquivos/Cartilha.pdf)>. Acesso em: 04 jun.2014.

## **SOBRE A AUTORA:**

Doutoranda e Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Especialista em Língua e Literatura e Licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), professora de Língua Portuguesa em nível básico nas redes estadual e municipal em Anápolis, Goiás.